

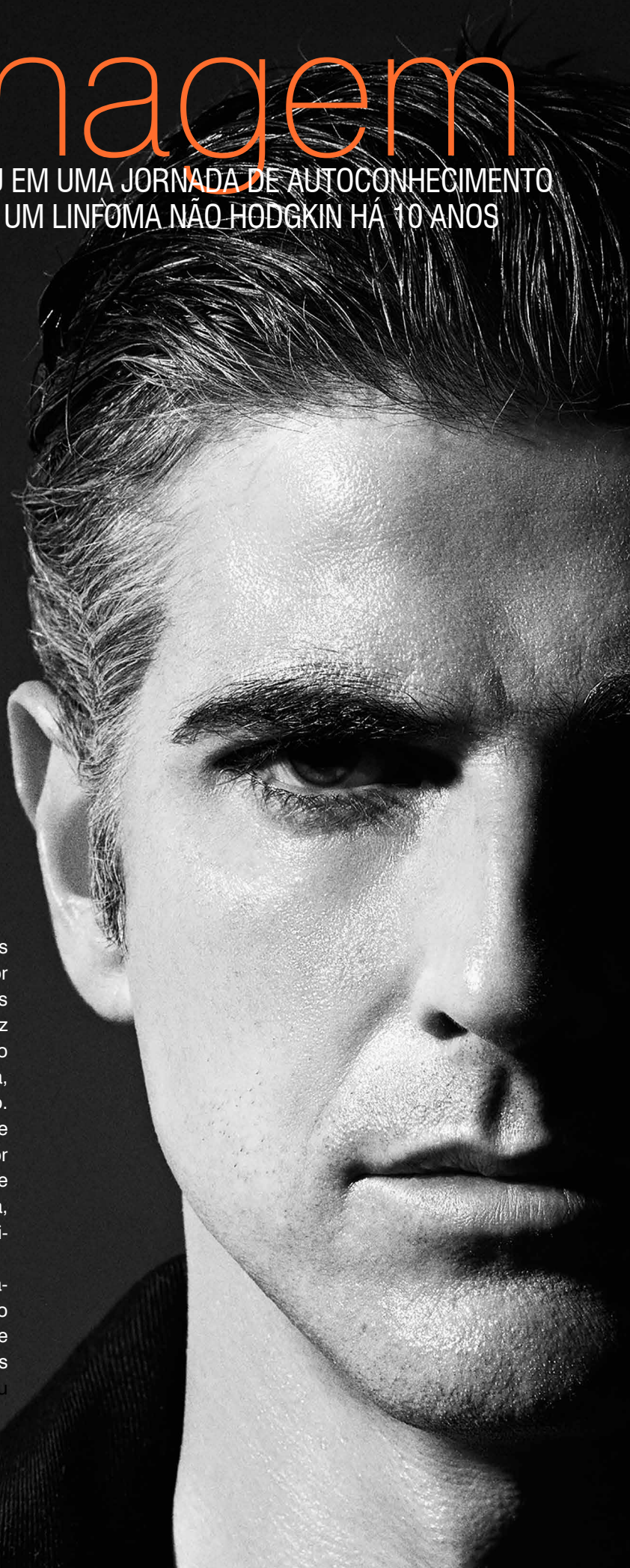
personagem

REYNALDO GIANECCHINI EMBARCOU EM UMA JORNADA DE AUTOCONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO AO DESCOBRIR UM LINFOMA NÃO HODGKIN HÁ 10 ANOS

“Quando a gente coloca amor, várias portas se abrem”

No início de agosto completaram-se 10 anos que Reynaldo Gianecchini descobriu ser portador de linfoma não Hodgkin (câncer que tem origem nas células do sistema linfático). O ator estava em cartaz com a peça *Cruel*, em São Paulo, e uma faringite o tirou de cena. Internado para investigar o problema, exames detectaram o câncer no sistema linfático. O susto inicial evoluiu para uma vontade imensa de lutar pela vida e entender o porquê de passar por aquele processo. “Depois de tudo, considero que foi uma bênção, porque resignifiquei minha vida, minhas prioridades. Foi uma jornada de autoconhecimento e transformação”, afirma Gianecchini.

Há alguns anos o ator vinha apresentando quadros de alergia e imunidade baixa. “Estava pegando várias doenças sem gravidade. Um dia, me deu febre e estava com muitos gânglios no pescoço. Fiz vários exames que não acusavam nada. O médico começou



“Foquei na minha cura, não podia fazer grandes coisas. Não dava para trabalhar, beijar na boca, não dava para fazer nada do que a gente costuma fazer na nossa vida e que nos estimula”

a desconfiar. Fiz o exame PET Scan (tomografia por emissão de pósitrons), que detectou gânglios no meu corpo inteiro, acendendo o alerta de que era linfoma ou algum câncer no sangue”, conta. A investigação minuciosa incluiu testes em vários laboratórios, até nos Estados Unidos, para que se fechasse um diagnóstico preciso. “Era um câncer muito raro. Demorou um mês para termos certeza de que tipo era e podermos iniciar o tratamento.”

Com o espetáculo – e a vida – em suspenso, era hora de encarar o tratamento. “A primeira sensação acho que sempre é de medo. Mas em seguida, a possibilidade da morte te faz entrar em um contato profundo com você mesmo. Começaram as questões: ‘O que eu sou? Qual o sentido disso aqui? E depois, para onde eu vou?’ Isso me deixou muito sensível. Eu achei que havia um sentido em passar por aquilo”, lembra Gianecchini.

E ele foi em frente, de coração aberto para aquela nova realidade. “Foquei na minha cura, não podia fazer grandes coisas. Não dava para trabalhar, beijar na boca, não dava para fazer nada do que a gente costuma fazer na nossa vida e que nos estimula. O que passou a me estimular foi olhar para mim, lutar pela minha saúde. Isso foi engrandecedor. Me deu um autoconhecimento muito grande.”

RECADOS DA VIDA

E como encontrar o tal equilíbrio entre perseverança e pensamento positivo, tirando o medo da jogada? “Sempre tive uma busca espiritual. Eu quero sempre entender quais são os recados da vida e não

brigo com o que ela me oferece. Acho que a grande dica é viver o presente e colocar muito amor nisso. Ter compaixão pelo seu processo, se aproximar das pessoas com amor, tentar aprender e não deixar a mente te dominar. Porque a nossa mente vai querer nos levar para o medo, pensando no futuro ou no apego ao passado. E o presente é maravilhoso.”

Na prática, o ator buscou encarar com paciência até mesmo as reações habituais do corpo aos efeitos da quimioterapia. “Vivia um dia de cada vez. Se dava para sair de casa para tomar um solzinho na rua, eu ia. Se não dava, ficava ali quieto na cama, sentindo os efeitos da química, mas também ficava em paz. Não brigava com aquilo”, lembra.

Desde que teve alta, Gianecchini segue fazendo acompanhamento, com exames a cada seis meses, e usa homeopatia. “Sempre cuidei muito da saúde e mesmo assim tive essa doença. Então, senti que tinha que fazer mais, principalmente em relação à alimentação. Geralmente, nos hospitais, os médicos não cuidam tanto dessa parte. Estão mais interessados em te tratar com remédios. Mas considero que o alimento pode ser um remédio.”

Ele adotou a alimentação ayurvédica, de origem indiana e centrada no fortalecimento do sistema imunológico. “Recomendo que todos busquem uma



Fotos: Divulgação Rede Globo

Em dupla divertida com Claudia Raia, em *Belíssima*, na pele do mecânico Pascoal

alimentação saudável, de preferência que seja não inflamatória [alguns alimentos favorecem inflamações no corpo]. Eliminei o consumo de enlatados, com conservantes. Os alimentos têm que ser frescos, nutritivos, e isso virou rotina. Parei de comer tudo o que é industrializado”, conta o ator, que acrescenta: “Redobrei todos os cuidados e isso envolve cuidar da mente, fazer terapia, que comecei nessa época, e meditar mais.”

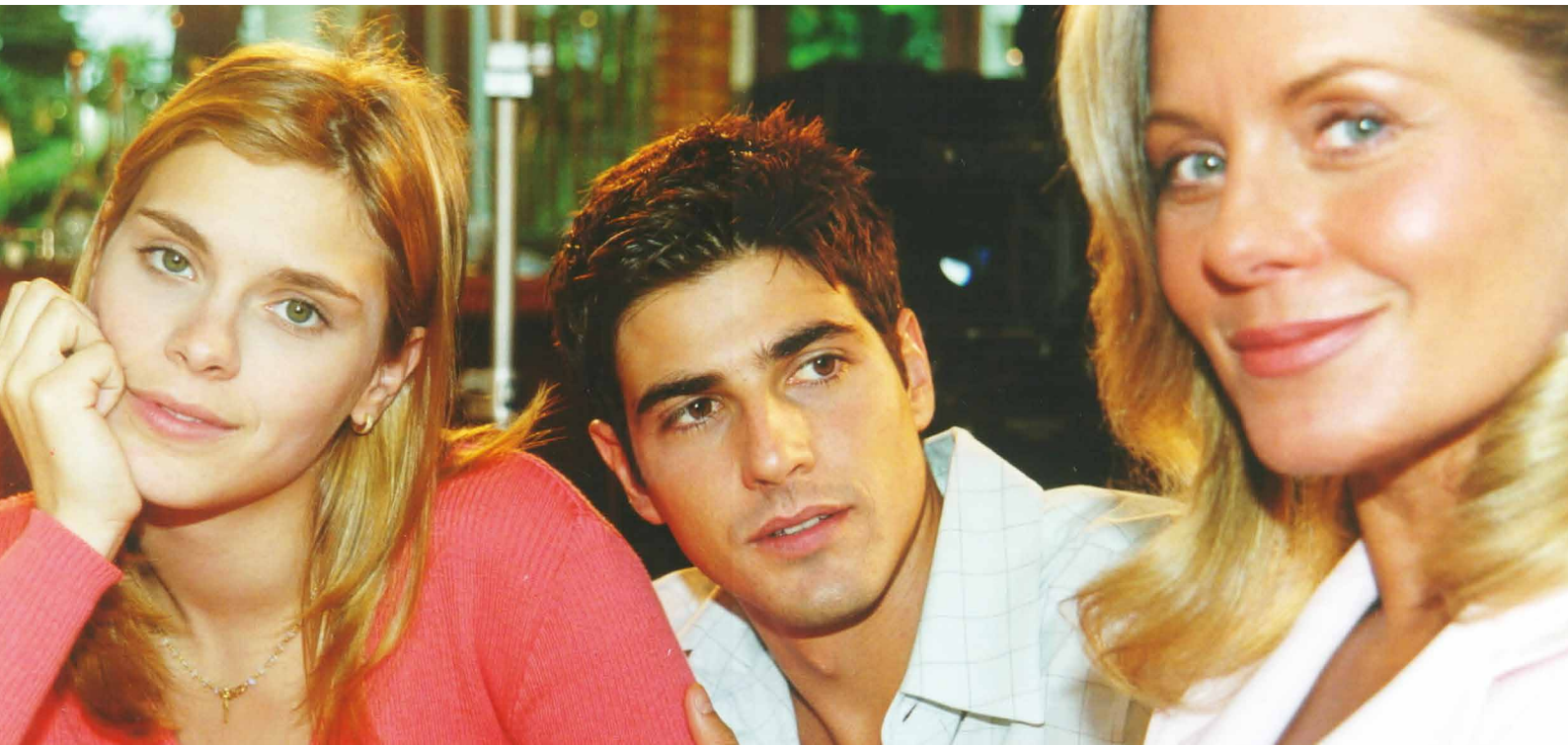
A experiência de enfrentar a doença trouxe a Gianecchini o senso de prioridade. “Passei a ter mais tempo para mim, para estar em contato com a natureza, com a família, os amigos, viajar, curtir... Não só a loucura desse mundo agitado do trabalho. Me abri mais para as pessoas.” Quanto ao seu papel como figura pública, ele passou a questionar o que era importante comunicar. “Penso: ‘Quero levantar minha voz para quê?’ Recebi muito amor no meu processo. Então, quando terminei o tratamento, fiquei com necessidade de doar

“Recebi muito amor no meu processo. Então, quando terminei o tratamento, fiquei com necessidade de doar amor também”

amor também”, explica, revelando que começou a se engajar mais em campanhas beneficentes para dar voz e atenção aos mais necessitados.

Para estender mais o olhar para o outro, Gianecchini sublinha que o caminho para dentro de si mesmo foi a base de tudo. “A busca do autoconhecimento, passar a ter um contato mais verdadeiro comigo e com as pessoas, entender que essa vida é um sopro e que a gente não pode desperdiçá-la, agradando alguém ou sendo o que a gente não é. Temos que cumprir o nosso propósito. Viemos dar asas à comunicação que vem de dentro. Comecei a buscar muito mais isso e tem sido lindo, libertador”, diz.

A mudança de rumos ainda segue acontecendo. “Acho que agora estou entrando no trilho de quem eu sou de verdade. Antes, eu não entendia muito isso. Estava só seguindo a vida, sem olhar direito para as minhas coisas. É um processo de despertar”, conta, dando uma dica para quem passa por doenças ou dificuldades



Estreia como protagonista em *Laços de Família*, dividido entre Vera Fischer (D) e Carolina Dieckmann

que atropelam a vida: “A primeira coisa é aceitar, entender o que a vida está te propondo e não ficar no lugar de vítima. E sempre colocar amor no processo. Quando a gente coloca amor, várias portas se abrem, inclusive a porta da cura. A dica é fazer do seu processo uma coisa bonita e receber bênçãos – que vai ter sempre, pode ter certeza.”

A pandemia de coronavírus foi mais um desafio para o ator, que se voltou para as pessoas, especialmente as de mais idade, como a mãe, e para quem ficou sem recursos por causa dessa crise. Mas não foi fácil. “Tentei fazer o meu melhor, mas também precisei de ajuda, porque chacoalhei emocionalmente, como todo mundo. Não tem como a gente achar que está tudo normal. Isso pegou todo mundo de surpresa e tivemos que nos adaptar, descobrir esse novo viver e sermos mais empáticos. Não tem como fugir disso. Porque sozinhos, não fazemos nada. Acho que essa é a grande lição da pandemia. Não tem como estarmos equilibrados se está tudo desequilibrado ao nosso redor.”

Recluso em casa, no Rio de Janeiro, ele avalia os meses de pandemia. “Descobri várias coisas boas: meu contato com a música, o canto, a dança... Esse tempo me fez desenvolver alguns dons. Vi trabalhos para os quais não tinha tempo, na dramaturgia, na televisão, nos *streamings*, até *lives*, palestras. E pudemos ter contato com necessidades maiores, que é olhar para as questões das minorias, do racismo, da homofobia. É um período desafiador, mas tem sido promissor para grandes e boas mudanças. Tenho esse otimismo.”

CARREIRA E FUTURO

Paulista de Birigui, Reynaldo Cisotto Gianecchini Júnior, 48 anos, começou a carreira de modelo em 1991 e fez sua estreia em novelas no ano 2000, em *Laços de família*. Depois, brilhou em outras produções da Rede Globo, em papéis dramáticos, românticos ou cômicos. Entre eles, *Esperança* (2002); *Da Cor do Pecado* (2004); *Belíssima* (2005); e *Passione* (2010). Já na minissérie *Verdades Secretas* (2015), se destacou na pele do gigolô Anthony. Participou de filmes como *Sexo com amor?* (2008); *Entre lençóis* (2009); *Divã* (2009); e *S.O.S.*

Mulheres ao Mar (2014). No teatro, atuou em *Doce Deleite* (2008); *Boca de Ouro* (1999); e *Os Guardas do Taj* (2017), entre outras peças.

Com a retomada gradual das atividades culturais, o ator revela ter vários projetos em andamento. “Acho que está todo mundo sedento, nas artes principalmente, para trabalhar, contar as histórias, deixar a emoção fluir. Tenho projetos de teatro, em *streamings*, e vontade de experimentar coisas novas nas artes, talvez música e dança. Estou muito focado em criar projetos e batalhar por eles”, planeja. ■

“Tentei fazer o meu melhor, mas também precisei de ajuda, porque chacoalhei emocionalmente, como todo mundo. Não tem como a gente achar que está tudo normal”



Bad boy encarnando o gigolô Anthony, em *Verdades Secretas*